



## O Romance da Raposa ou «o elogio formidável do individualismo»<sup>1</sup>

Sara Reis da Silva  
Universidade do Minho

### O Romance da Raposa

Na mira dos caçadores,  
Que a monte lhe vão na pista,  
Antes só que, de predadores  
Acompanhada, ou à vista.

Mateira até dizer chega,  
Quem dirá que não trabalha?  
Do lado de cá galega,  
Lá portuga, quando calha.

Vergílio Alberto Vieira,  
*Os Livros dos Outros*<sup>2</sup>

No estudo intitulado *Des grands romanciers écrivent pour les enfants*, Sandra L. Beckett preconiza que «Quelques-uns des meilleurs écrivains du XXe. siècle ont daigné écrire pour les jeunes lecteurs. (...) Certains de ces livres sont devenus des “classiques” et comptent toujours parmi les titres les plus chers de la bibliothèque de l'enfance. (...) Écrire pour les enfants est la vocation des maîtres» (Beckett, 1997: 15 e 257).

O romancista e novelista Aquilino Ribeiro (1885-1963), autor de uma extensa obra que abrange cerca de sessenta títulos, tendo publicado três livros que têm na criança o seu preferencial receptor, *Romance da Raposa* (1924), *Arca de Noé, III Classe* (1936) e *O Livro de Marianinha* (1967) – além da adaptação de *Peregrinação de Fernão Mendes Pinto Aventuras Extraordinárias de um Português no Oriente*<sup>3</sup> –, participa do conjunto de «grandes romancistas portugueses que escreveram para crianças» ou dos «grandes autores para pequenos leitores» (Gomes e Roig

1. A expressão citada que integra este título é da autoria de João da Palma-Ferreira (1981), *Do pícaro na literatura portuguesa*. Lisboa: ICALP, 65, *apud* Veloso, 1994: 68.

2. Este poema, inspirado na narrativa aquilinaniana que será alvo de análise neste breve ensaio, integra uma colectânea composta por textos poéticos motivados por diversas obras de autores portugueses e estrangeiros, todas preferencialmente destinadas aos leitores mais jovens.

3. Esta adaptação da narrativa de Fernão Mendes Pinto foi elaborada a convite do editor Sá da Costa, tendo sido originalmente publicada em 1933.



Rechou, 2007).

O presente estudo incide no primeiro título referido, *Romance da Raposa*, obra publicada, pela primeira vez, em 1924<sup>4</sup>, com a chancela da Aillaud & Bertrand e com ilustrações do francês Benjamin Rabier (1864-1939), criador também da famosa «La vache qui rit» (1924).

Dedicado ao seu filho Aníbal<sup>5</sup> e considerado por muitos (Lopes, s.d.; Veloso, 1994; Gomes, 2005; Gomes, Ramos e Silva, 2007) como um «clássico» indiscutível e uma das mais notáveis obras (Rocha, 1984: 67) da literatura portuguesa para a infância, o *Romance da Raposa* e as suas «virtudes» literárias têm sido largamente reconhecidas. Recorde-se, por exemplo, que, em 1994, veio a lume o ensaio *A Obra de Aquilino Ribeiro para Crianças. Imaginário e Escrita*, da autoria de Rui Marques Veloso, estudo que integra um extenso e pormenorizado capítulo dedicado à novela aquilina mencionada.

Muito particularmente ao nível da sua eficácia comunicativa e da própria captação da atenção dos leitores mais novos, a singularidade de *Romance da Raposa* pode provar-se, por exemplo, com a série de animação infantil, em treze episódios, da autoria de Artur Correia e Ricardo Neto exibida em 1988 pela RTP, uma adaptação de Marcello Morais, com diálogos e letras das canções da prestigiada autora Maria Alberta Menéres, que chegou, inclusive, a assumir o cargo de Directora do Departamento de Programas Infantis e Juvenis da RTP (1974-1986). A título meramente exemplificativo, acresce, ainda, a referência a duas peças homónimas, uma, muito recente (2009), em teatro de sombras, da autoria de Mónica Santos e Maria Luísa Real, realizada na Biblioteca Pública Municipal do Porto<sup>6</sup>, e outra levada à cena no Teatro Rivoli<sup>7</sup>, com argumento e encenação de António Pires. Dois apontamentos, também, para recordar que, no *site* [www.estudioraposa.com](http://www.estudioraposa.com), se encontra disponível um *audiobook* do *Romance da Raposa* (com produção e voz de Luís Gaspar) e que a editora Bertrand acaba de publicar (2009) uma adaptação em Banda Desenhada desta obra da autoria de Artur Correia<sup>8</sup>.

Significativa é, de igual modo, uma revisão de certos epitextos e, muito particularmente, o facto de *Romance da Raposa* e/ou a escrita para a infância de Aquilino Ribeiro ser alvo de atenção nos quatro estudos historiográficos de referência da produção literária portuguesa de potencial destinatário infanto-juvenil. Referimo-nos, em concreto, às abordagens de Esther de Lemos (1972), Maria Laura Bettencourt Pires (s.d.), Natércia Rocha (1984) e José António Gomes (1997).

4. A edição de *Romance da Raposa* que serve de base a esta abordagem é a terceira, datada de 2006.

5. Note-se que as três obras que se situam no comumente designado género da literatura infantil – a saber *Romance da Raposa* (1924), *Arca de Noé, III Classe* (1936) e *O Livro de Marianinha* (1962) – possuem um destinatário explícito nominal e afectivo: os filhos Aníbal e Aquilino, nos dois primeiros casos, e a sua primeira neta Marianinha, filha de Aquilino Ribeiro Machado, no caso da última obra.

6. Destinada a M/6 anos, foi exibida entre 18-25 e 20-27 de Agosto de 2009.

7. Vocacionada para M/4, esteve em cena de 2 a 6 de Março de 2009.

8. Esta versão em B.D., contrariamente ao que se verifica em relação ao volume original que lhe serve de base, é recomendado pelo Plano Nacional de Leitura.



A perspectiva de Esther de Lemos é de todas a que talvez mais surpreenda. Ao contrariar, no essencial, a crítica literária mais (re)conhecida da obra e ao procurar ofuscar intencionalmente algumas das marcas mais singularizantes da obra aquiliniana, a reflexão desta autora, claramente datada, tem de ser lida à luz do contexto histórico-cultural em que se integra. Formulando o seu comentário a partir do ponto de vista da recepção infantil, a autora considera que:

Aquilino Ribeiro, tentando, sem o conseguir de todo, acomodar a sua opulência lexical ao gosto das crianças, publicou (...) o *Romance da Raposa* – velha crónica da raposa, ao mesmo tempo a matreira comadre, humanizada, dos contos tradicionais, e o animal colhido com um realismo flagrante nos seus costumes e *habitat*. Esse livro, em cuja dedicatória Aquilino, com desenvoltura, dá um piparote nas preocupações moralizantes e formativas, e se propõe *tout court* divertir (coisa que talvez não consiga, por lhe faltar verdadeira adesão ao mundo da infância, e ficar *ele mesmo*, com a sua ostentação estilística, o seu sarcasmo encapotado, o seu detido e saboreado gosto descritivo) –, esse livro tem um papel histórico, indica uma nova atitude relativamente à literatura infantil, por parte de alguns escritores portugueses. Agora, passada a ilusão revolucionária, esgotado o entusiasmo pelas teorias pedagógicas, escarmentados todos os discursos sobre progresso e fraternidade a que as revoluções e a mesma guerra tinham dado uma réplica amarga – os escritores jogavam menos na carta dos altos ideais educativos. Como Aquilino outros enveredaram ou pretenderam enveredar pelo caminho do puro *divertissement*» (Lemos, 1972: 24-25).

Maria Laura Bettencourt Pires, aludindo de forma ligeira a *Romance da Raposa*, lembra, apenas e sem quaisquer considerações mais aprofundadas, de índole, por exemplo, estilística, que «foi ainda numa antiga história Árabe que o mestre Aquilino Ribeiro se inspirou quando, em 1924, escolheu para tema de uma das suas contribuições para a literatura infantil, o *Romance da Raposa*» (Pires, s.d.: 115).

Já as perspectivas de Natércia Rocha e José António Gomes, claramente consentâneas, assentam em pressupostos como a inovação, a frescura do registo, o humor ou a capacidade narrativa de Aquilino Ribeiro. O comentário de Natércia Rocha, por exemplo, não esconde o seu entusiasmo perante um título que apelida como uma «obra excelente», um «texto riquíssimo» e «uma das mais notáveis obras para crianças, escrita por um autor português» (Rocha, 1984: 67). A autora coloca especial ênfase no «humor, ternura e ironia, musicalidade e “suspense”», acrescentando, ainda, que «a história de Salta-Pocinhas encanta as crianças; elas compreendem e sentem, mesmo quando as palavras são estranhas e misteriosas. Puxadas umas pelas outras, as palavras são prazer antes de revelarem o significado; dir-se-ia que são brinquedo, antes de serem ferramenta» (ibid.: 67). Por sua vez e numa linha similar, José António Gomes regista a «extraordinária inventividade lexical» que «singulariza esta [uma] prosa ritmada e pitoresca, em que o humor se alia à autenticidade realista dos diálogos» (Gomes, 1997: 22).



A revisão das quatro “leituras” apresentadas permite-nos, pois, concluir acerca do reconhecimento de um estilo pessoal, decorrente, em larga medida, do pitoresco do registo, do carácter imaginativo e cómico das cenas recriadas e da própria singularidade da protagonista, características que justificam o lugar de destaque de *Romance da Raposa* no universo da Literatura Portuguesa para a infância e a juventude.

Tratando-se de uma novela que intertextualiza quer com a obra medieval francesa *Le Roman de Renart*<sup>9</sup>, quer com a fabulística, nomeadamente de Esopo<sup>10</sup> – evocado pela próprio Aquilino Ribeiro na dedicatória do *Romance* – de Fedro e de La Fontaine<sup>11</sup>, quer, também, com contos de animais da tradição portuguesa<sup>12</sup>, a narrativa aquiliniana é composta por uma série de episódios ou de aventuras que têm como actantes animais antropomorfizados e cuja protagonista, anunciada pelo título<sup>13</sup> da obra, é Salta-Pocinhas, «raposeta pintalegreta, senhora de muita treta» (Ribeiro, 2006: 7), aquela figura que, inscrita na memória literária colectiva, por vezes «acabrunhada e desesperada», mas sempre «arguta e resoluta», é exímia a «conceber plano[s] temerário[s]» (ibid.: 98).

«Personagem histórica» (ibid.: 8), como a ela se refere Aquilino Ribeiro, a actuação da raposa heroína da novela em análise enquadra-se nos modelos simbólicos comuns. Em *Romance da Raposa*, como «em muitas tradições populares», a raposa é «símbolo da astúcia e da perfídia» (Biedermann, 1994: 320), podendo mesmo reflectir «como um espelho as contradições humanas (...)» e ser «considerada como um duplo da consciência humana» (Chevalier e Gheerbrant, 1994: 562).

9. Em Portugal, nos anos sessenta do século passado (com reedição nos anos 80 e estando ainda disponível em algumas livrarias), a Verbo publicou uma adaptação desta obra intitulada *As Aventuras da Comadre Raposa*. A adaptação e as ilustrações são da autoria de Roman Simon e a versão portuguesa é assinada por Ricardo Alberty (1919-1992), autor premiado em 1980 com o Grande Prémio Calouste Gulbenkian de Literatura para Crianças, tradutor e adaptador de grandes clássicos da literatura infanto-juvenil mundial. Ana Margarida Ramos (2005) lembra que «a fábula medieval que serviu de inspiração a Aquilino – Roman de Renart – também inspirou Chaucer (*Nun's Priest's*) e Goethe (*Reinecke Fuchs*)» (Ramos, 2005: 179). De acordo com o *The Oxford Companion to Children's Literature*, «*Reynard the fox*, a beast-epic current in medieval Europe and found in many different versions. (...) French *Roman de Renart* and the medieval Latin poem *Ysengrimus*, which tells of the enmity between the fox and the wolf» (Carpenter e Prichard, 2005: 449).

10. Na dedicatória, AR escreve «Personagem histórica [a raposa], para mais, era meu dever não falsificá-la. Representa, tal como vem da fábula, no guinhol com outros bichos, a todos os quais dei voz, com licença de mestre Esopo» (Ribeiro, 2006: 8).

11. Sobre esta questão vide «Fenómenos de intertextualidade no *Romance da Raposa*», secção do estudo *Introdução à leitura do Romance da Raposa. Ciência do texto e sua aplicação*, de Michael Metzeltin (Almedina, 1981). Ainda relativamente à presença e actuação da Raposa nos textos fabulísticos, sugerimos a leitura das fábulas «O pastor, o lobo, o burro e a raposa», «A raposa e o bode», «O busto e a raposa», «A raposa e o lince», «A raposa e a cegonha», «O lobo, a raposa e o urso», «A raposa e as uvas», presentes no volume *Fábulas*, de Henrique O'Neill (Caminho, 2004).

12. Veloso (1994), suportando, em primeiro lugar, a sua análise na recolha de Leite de Vasconcelos, releva, como importantes intertextos de *Romance da Raposa*, três contos: «Esperteza da Raposa», «A Lua no Rio» e «O Lobo e a Raposa». Acrescenta, também, os contos «A Raposa no Galinheiro» e «A Raposa e o Galo», patentes na colectânea de Teófilo Braga, «A Raposa» e «A Raposa e o Galo», incluídos na recolha de Consiglieri Pedroso, e «A Raposa e o Lobo» e «A Raposinha Gaiteira», presentes na obra de Adolfo Coelho (Veloso, 1994: 59-60).

13. Reis e Lopes (1996) consideram que «A relação do título com a narrativa estabelece-se muitas vezes em função da possibilidade que ele possui de realçar, pela denominação atribuída ao relato, uma certa categoria narrativa, assim desde logo colocada em destaque. A personagem é justamente uma dessas categorias, talvez a que com mais frequência é convocada pelo título (...)» (Reis e Lopes, 1996: 416).



Com efeito, do ponto de vista literário e genericamente, a raposa é considerada por M. Feber «as a symbol of cunning or trickery» (Ferber, 1999: 80), que se encontra inscrita na nossa linguagem. Em *A Dictionary of Literary Symbols*, M. Feber, evocando autores como Shakespeare, Chaucer e Spenser, aproveita para recordar também que «Foxes are protagonists in many fables from Aesop to modern times; (...) There is a rich tradition of medieval tales about Reynard the Fox (French *Renard*, German *Reinecke*)» (ibid.: 81)

Na literatura potencialmente recebida por crianças e jovens, a presença da raposa e a de outros animais, «personagens que encarnam simultaneamente características humanas e qualidades próprias à sua condição animal» ou, por outras palavras, «as histórias de animais falantes suscitam forte adesão dos leitores mais novos» (Bastos, 1999: 124). É neste mesmo sentido que Rui Marques Veloso afirma que «A grande receptividade que as crianças apresentam no tocante a estas narrativas [fabulários, contos tradicionais e bestiários] resultam fundamentalmente da intervenção dos animais. O seu *exemplum* constitui matéria de referência para o receptor mais jovem, que, por um lado, se diverte com os acontecimentos narrados e, por outro, interioriza exactamente aquilo que lhe interessa para se conhecer e para compreender o mundo que o rodeia» (Veloso, 1994: 62).

Na edição portuguesa contemporânea<sup>14</sup>, a recorrência da raposa comprova-se em textos de autoria diversa e modalmente distintos. Sem pretensões de exaustividade, refira-se, por exemplo, a presença desta figura-animal, a par de outras personagens pedidas de empréstimo a outros textos pertencentes ao património tradicional oral, nos contos «O corvo das asas cortadas»<sup>15</sup>, texto que integra a colectânea *História com grilo dentro*, de António Torrado (1ª ed. – 1979/última edição – 2004), e *Ninguém dá prendas ao Pai Natal*, de Ana Saldanha (1ª ed. – 1996/última edição – 2008)<sup>16</sup>. No domínio da poesia, destacamos «O raposo»<sup>17</sup>, texto poético que inaugura a obra *Fala Bicho*, de Violeta Figueiredo (4ª ed. – 1999), e, ainda, «A Raposa»<sup>18</sup> e «A raposa constipada»<sup>19</sup>, poemas contidos nos livros de poesia infantil recentemente publicados *Bichos Diversos em Versos* (2008), de António Manuel Couto Viana, e *Poemas da Bicharada* (2008), de João

14. Quanto à presença da raposa na literatura portuguesa vocacionada para os mais novos e no contexto temático desta análise, importa, ainda, lembrar que, na primeira parte de *O Livro de Marianinha* (1967), esta personagem figura igualmente num expressivo segmento (Ribeiro, 1993: 30-33).

15. A actuação de duas raposas gulosas e esfomeadas e a forma como o narrador se refere à forma astuta, precavida e manhosa como planeiam o ataque a uma capoeira é um dos momentos mais cómicos desta narrativa.

16. Neste conto, no qual o substrato intertextual é determinante, a raposa oferece ao Pai Natal um cacho de uvas, uma recuperação, com motivações humorísticas – como, aliás, se observa em toda a narrativa – da célebre fábula da raposa e das uvas, texto atribuído a Esopo, reescrito por La Fontaine.

17. Neste texto poético, Violeta Figueiredo, no seu estilo habitual, dá conta do pensamento guloso de um raposo que apenas sonha com as vantagens de um temporal.

18. O natural antagonismo raposa-galinha, bem como o carácter guloso e matreiro da raposa são os motivos fundamentais deste poema.

19. Neste breve poema (composto apenas por duas quadras em rima cruzada), se, por um lado, se observa um afastamento do retrato habitual da figura tipificada que é a raposa (pela referência a uma doença – constipação), por outro lado, o poeta não deixa de aludir a um dos seus traços singularizantes: o apetite/fome e/ou a gula.



Manuel Ribeiro, respectivamente.

Com Esther de Lemos (1973), cremos que «Escrevendo para crianças, Aquilino Ribeiro, com o seu apego à terra e à vida natural, não podia deixar de optar pelas histórias de animais» (Lemos, 1973: 472).

Em *Romance da Raposa*, uma «grande mata» (Ribeiro, 2006: 27) ou, mais especificamente, um espaço naturalista, recriado a partir de um discurso alimentado por uma especial adjectivação, quase sempre múltipla e conjugada de forma inovadora, por metáforas, imagens e comparações expressivas, por um atraente sensorialismo e por uma musicalidade<sup>20</sup> encantatória, serve de cenário a uma acção marcadamente lúdica, com um encadeamento constante de aventuras que mantém o interesse por um relato centrado na heroína Salta-Pocinhas.

As duas secções que estruturam a obra – «A Raposinha» (seis capítulos) e «A Comadre» (seis capítulos) –, além de reflectirem o crescimento e a maturação da raposa, correspondendo a dois momentos sucessivos da sua evolução etária/física/psicológica, materializam e confirmam a importância de que se reveste a protagonista, personagem que suporta, na verdade, a totalidade da acção.

Socorrendo-se de um registo narrativo forte e talentosamente estruturado, Aquilino Ribeiro relata, com uma vivacidade irresistível, a «manha pícara» (Topa, s.d.) que determina o comportamento da raposa e, muito especialmente, a sua particular tendência para pregar partidas e para preparar vinganças. São estas, aliás, as notas dominantes das seis secções que compõem cada uma das duas partes mencionadas. Sucessivamente e em cada um dos doze capítulos, é dado a conhecer ao leitor um quadro episódico que finaliza sempre com a vitória de Salta-Pocinhas e com a resolução hábil/ágil de um problema. Na primeira parte, a raposa, ainda muito jovem, interage, quase exclusivamente, com o Lobo D. Brutamontes, que acaba por sair sempre vencido. Já na segunda parte, Salta-Pocinhas é, agora, uma «Comadre» viúva, mãe de três filhos e, na sua vida agitada, surge uma figura «temível e misteriosa»: «o bicho-homem» (Ribeiro, 2006: 25), «colérico e vingativo» (ibid.: 133), o papão, colocado ao nível do «rafeiro» (ibid.: 91), e um dos três inimigos, juntamente com o «Inverno rigoroso» e os «cães» (ibid.: 149), da Raposa.

A habilidade narrativa do autor fica largamente demonstrada na própria descrição, pormenorizada e/ou rica, da heroína, a figura que, como se compreende, é a que surge caracterizada da forma mais completa. A sua actuação solitária/individualista em busca de comida e de uma vida tranquila e cómoda, por outras palavras, aquilo que, decorrente das «próprias leis da natureza», Rui Marques Veloso encara como uma marca comportamental/psicológica da Raposa, ou seja, o facto de «não poder contar sequer com as outras raposas» (Veloso, 1994: 68), é uma constante ao longo de toda a narrativa.

20. Conforme defende Francisco Topa, para esta contribui de forma determinante o recurso frequente ao homeoteleuto ou à rima interna. Vide artigo disponível online «Em torno da obra *infantil* de Aquilino Ribeiro».



O uso abundante do diálogo, estratégia que imprime vivacidade ao relato, serve ainda e especialmente a reiteração de traços específicos da natureza/essência da protagonista: a ironia, a argúcia ou a esperteza – verdadeiro *Leitmotiv* de todo o *Romance* (Veloso, 1994: 66) –, a ladinice, a imaginação, a gulodice, um sentido de humor (quase) *a-moral*, entre outros.

Com uma relevante componente humorística, motivada tanto pelas personagens, como pelas situações e, ainda, pela linguagem, e em qualquer dos casos tendo sempre como elemento central Salta-Pocinhas, *Romance da Raposa* proporciona aos leitores mais jovens momentos de leitura frutivos, um contacto com uma escrita irrepreensível que desempenha um importante papel não só ao nível do fomento de uma competência literária/gosto literário<sup>21</sup>, mas também, de um ponto de vista mais global, na própria formação intelectual e humana.

As dificuldades<sup>22</sup> que o texto eventualmente levanta no domínio lexical poderão funcionar, em nosso entender, como um desafio e um estímulo à curiosidade, além de possibilitarem uma ampliação/enriquecimento vocabular/criativo do potencial receptor.

Mesmo a componente pictórica da obra, englobando um conjunto considerável de pequenas ilustrações a negro e a traço fino, numa linha estética bastante cultivada na época da edição original da obra, bem como, no caso do volume em análise, uma série de dezasseis estampas a cores legendadas, recria com detalhe a actuação da protagonista e alguns dos momentos fundamentais da diegese. Além disso, esta vertente visual pode funcionar como importante âncora/elemento orientador da leitura, reflectindo talvez uma preocupação com o potencial receptor da narrativa, com as suas eventuais «limitações» ao nível da descodificação e/ou com a sua competência narrativa/literária.

Independentemente da valorização das possíveis ressonâncias ideológicas de *Romance da Raposa* – como as inerentes ao republicanismo<sup>23</sup>, ao anticlericalismo<sup>24</sup> ou, até, à protecção ecológica<sup>25</sup>, por exemplo –, qualquer aproximação a esta obra, de carácter inaugural ou apenas num simples regresso, exigirá sempre uma referência à originalidade dos procedimentos narrativos e estilísticos, à fluidez de uma prosa cujos ingredientes principais são a imaginação e o humor e, muito em

21. Na «entrada» sobre literatura infantil assinada por Esther de Lemos no *Dicionário de Literatura*, dirigido por Jacinto de Prado Coelho, pode ler-se a propósito de *Romance da Raposa*: «(...) o livro é uma vigorosa lição de coisas dada a brincar, e representa um passo largo para a educação do gosto literário» (Lemos, 1973: 472).

22. Cf. com a seguinte perspectiva de Óscar Lopes: «(...) requer-se uma boa leitura oral e algumas explicações de passagem que esclareçam uma frase desenvolta, por vezes com alusões já datadas e em que, como em geral na frase aquilina, a expressão clássica e precisa se entrosa com um léxico e uma fraseologia carregada de humor ou de gíria caricatural: *bifar*, *ameaças ao rico pêlo*, *lume no olho*, *catraflilar*, *lazeira*, etc.» (Lopes, 1994: 186).

23. Cf. artigo intitulado «O *Romance da Raposa* ou a qualidade em Literatura posta ao serviço dos ideários republicanos».

24. Cf. Metzeltin (1981).

25. Cf. com a seguinte perspectiva de Francisco Topa explicitada e exemplificada no artigo «Em torno da obra infantil de Aquilino Ribeiro»: «Com efeito, também é possível recolher ao longo da obra marcas daquilo a que poderíamos chamar uma mensagem ecológica, caracterizada pela crítica à intervenção humana na natureza».



particular, à singularidade da sua solitária protagonista. Em suma, «A imbatível capacidade de reacção ao imprevisto, a esperteza ladina ou a astúcia da Raposa, tantas vezes reflectida na sua capacidade de dissimulação, na sua competência discursiva ou na arte da argumentação – que tanto lhe valem na eficaz “manipulação” dos seus companheiros, desde o Urso Mariana, passando pelo Texugo Salamurdo, até aos muitos coelhos anónimos –, são fundamentais em todos os episódios da narrativa, contaminando toda a construção diegética da obra aquiliniana e prendendo afectivamente o leitor que, sem dúvida, guardará na memória episódios tão divertidos como os dos disfarces em “bicho palheiro” (p. 52) e “lagarta das couves” (p. 61)» (Gomes, Ramos e Silva, 2007: 25).

### Bibliografia

- BASTOS, Glória (1999). *Literatura Infantil e Juvenil*. Lisboa: Universidade Aberta.
- BECKETT, Sandra L. (1997). *Des grands romanciers écrivent pour les enfants*. Grenoble: Les Presses de l' Université de Montréal – Éditions littéraires et linguistiques de l'université de Grenoble.
- BIEDERMANN, Hans (1994). *Dicionário Ilustrado de Símbolos*. São Paulo: Melhoramentos.
- CARPENTER, Humphrey e PRICHARD, Mari (2005 [1984]). *The Oxford Companion to Children's Literature*. Oxford/NY: Oxford University Press.
- CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain (1994). *Dicionário dos Símbolos*. Lisboa: Teorema.
- FERBER, Michael (1999). *A Dictionary of Literary Symbols*. Cambridge: Cambridge University Press.
- GOMES, José António (1997). *Para uma História da Literatura Portuguesa para a Infância e a Juventude*. Lisboa: Ministério da Cultura – Instituto Português do Livro e das Bibliotecas.
- (2005). «Literatura Portuguesa para a infância e a juventude: os inícios (período 1900-1945)». *Boletín Galego de Literatura* 32, 67-102.
- GOMES, J. A., RAMOS, Ana Margarida e SILVA, Sara Reis da (2007). «Produção canonizada na literatura portuguesa para a infância e a juventude (século XX)». In GOMES, José António e ROIG RECHOU, Blanca-Ana (coords.). *Grandes autores para pequenos leitores: elementos para a construção de um cânone*. Porto: Deriva, 13-51.
- LEMONS, Esther de (1972). *A Literatura Infantil em Portugal*. Lisboa: Ministério da Educação Nacional – Direcção-Geral da Educação Permanente.
- (1973). «Infantil, Literatura». In COELHO, Jacinto do Prado (dir.). *Dicionário de Literatura*. Porto: Figueirinhas.
- LOPES, Óscar (s.d.). *História Ilustrada das Grandes Literaturas*. 2º vol., Lisboa:



Estúdios Cor.

(1994). «Aquilino Ribeiro e a Infância». In *A Busca de Sentido*. Lisboa: Caminho, 179-191.

METZELTIN, Michael (1981). *Introdução à leitura do Romance da Raposa. Ciência do texto e sua aplicação*. Coimbra: Almedina.

PIRES, Maria Laura Bettencourt (s.d.). *História da Literatura Infantil Portuguesa*. Lisboa: Vega.

RAMOS, Ana Margarida (2005). «As fábulas e os bestiários na literatura de recepção infantil contemporânea». *A Fábula. Forma breve -Revista de Literatura* 3, 169-194.

REIS, Carlos e LOPES, Ana Cristina M. (1996). *Dicionário de Narratologia*. Coimbra: Almedina (5ª ed.).

RIBEIRO, Aquilino (1993). *O Livro de Marianinha*. Lisboa: Bertrand Editora (2ª ed.) (ilustrações de Maria Keil).

(2006). *Romance da Raposa*. Lisboa: Bertrand Editora (3ª ed.) (ilustrações de Benjamin Rabier).

ROCHA, Natércia (1984). *Breve História da Literatura Portuguesa para Crianças*. Coleção «Biblioteca Breve». Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

S.n. (s.d.). «O Romance da Raposa ou a qualidade em Literatura posta ao serviço dos ideários republicanos» - disponível em <http://www.grupolusofona.pt/pls/portal/docs> (consultado em 04 de Setembro de 2009).

TOPA, Francisco (s.d.). «Em torno da obra infantil de Aquilino Ribeiro». Disponível em <http://web.letras.up.pt/ftopa/Artigos%20Orais-pdf/Aquilino%20Ribeiro.pdf> (consultado em 04 de Setembro de 2009) (originalmente publicado em *Ruralia* 2, Arouca, 1992, 115-147, e *Cadernos Aquilinos* 11, Viseu, Centro de Estudos Aquilinos, 2000, 25-50).

VELOSO, Rui Marques (1994). *A obra de Aquilino Ribeiro para Crianças. Imaginário e escrita*. Porto: Porto Editora.

«Vidas e Obras Aquilino Ribeiro». Disponível em [http://195.23.38.178/casadaleitura/portalbeta/bo/documentos/vo\\_aquilino\\_a.pdf](http://195.23.38.178/casadaleitura/portalbeta/bo/documentos/vo_aquilino_a.pdf) (retirado no dia 10 de Setembro de 2009).



Aquilino Ribeiro

# ROMANCE DA RAPOSA



*Ilustrações de Benjamin Rabier*

BERTRAND EDITORA